

AÇÕES PARA O TEMPO: PERFURAR, CARCOMER, DESGASTAR

MAINÔ CLAUDIO CAETANO¹; MARTHA GOMES DE FREITAS²

¹Universidade Federal de Pelotas – mainoclaudiocaetano@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – marthagofre@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A vigente reflexão constitui parte de minha investigação poética, em andamento, dentro do campo das artes visuais, desenvolvida em conjunto ao projeto de pesquisa *Estudo sobre a Profundidade* coordenado pela professora Dra. Martha Gomes de Freitas. Por conseguinte, no decorrer deste resumo apresentarei dois trabalhos de minha produção, por onde exploro ações como o perfurar, o carcomer e o escavar, escolhas que criam situações de aprofundamento de modo que, por meio delas, me aproprio do comportamento de três espécies de insetos que provocam a corrosão de diversos objetos. Partindo desses trabalhos, componho um diálogo com a obra *Time Divisa 291* de Antonio Vega Macotela a fim de refletir acerca do meu próprio processo e o quanto ele pode informar sobre aspectos de visibilidade em relação a passagem do tempo.

2. METODOLOGIA

Tomo como ponto de partida o trabalho *Arquivo* (Figura 1). Por meio dele inicio minha pesquisa sobre os dois tipos de insetos - traça - que levam o mesmo nome, e que tem como habitat o ambiente doméstico, a dos livros e a das roupas. A primeira, dos livros, tem hábitos noturnos e a sua dieta se baseia no amido presente nas páginas e colas de encadernações, pertencendo ao grupo dos tisanuros. A segunda, na verdade, refere-se ao estágio larval de uma espécie de mariposa da ordem dos lepidópteros, se alimentando de tecidos com queratina, peles e lã. De maneira mais específica, traças se alimentam dos objetos que nós guardamos nas gavetas das mesas de cabeceira ou nas caixas de sapato embaixo dos roupeiros, procuram por coisas antigas e empoeiradas.



Figura 1. Mainô Caetano, *Arquivo*, 2023. Moldura, papéis variados e linha. 102 x 37 cm

Pensando na dieta das traças durante o processo criativo de construção da assemblagem *Arquivo*, investiguei bibliotecas, sebos, brechós e os cantos escuros e úmidos da minha própria casa em busca desses pequenos seres e dos objetos por eles devorados. Durante essa pesquisa, pude encontrar as marcações deixadas pelo seu ato fágico em diversas formas e tamanhos, em uma grande variedade de itens. Percebi, que as traças não se alimentam apenas da matéria, mas, ao subtraírem pequenos fragmentos, também consomem as nossas memórias que encontram-se presentes nos objetos, de modo que seus vestígios ilustram uma ausência, um apagamento do que estava ali. No movimento de compreender as traças a partir do campo da arte, me aproximo delas, procurando produzir um arquivo de amnésias. Reuni cartas, fotos, livros e diários que guardassem as memórias de outras pessoas, e, utilizando-me de um furador, removi os nomes, rostos, lugares e datas que compunham os objetos selecionados. Assim me apropriando do modo de agir desses insetos, da subtração, para compor o trabalho.

Defini a moldura com o fundo preto, juntamente com as memórias suspensas por alfinetes, para fazer referência aos insetários vistos em museus de história natural, onde ficam expostos os espécimes para estudo e deslumbramento. Além disso, ao recortar o espaço do olhar, o campo de visão, ela auxilia na ênfase para aquilo que falta. Por fim, a configuração do trabalho em camadas, pode remeter a própria forma do inseto bem como a um desfazimento que vai do plano à linha.

A partir de *Arquivo* reconheço o interesse por aquilo que se perde e, por esse viés, me aproximo da questão proposta pelo professor e pesquisador Marco do Valle em torno de processos de apagamento (DO VALLE, 1992). Assim, por meio deste trabalho e também do próximo a ser apresentado -*Ruína viva*, busco discutir a relação entre objeto e memória, possibilitando um olhar investigativo não apenas para os processos que causam as corrosões mas também para as lacunas existentes ao nosso redor.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pensando nos diferentes âmbitos que a memória pode ser guardada, me deparo com o ambiente doméstico da casa e os cupins na obra *Ruína viva* (Figura 2), utilizando para a sua construção uma madeira húmida, afetada pelo mofo e comida por cupins que ainda à habitavam quando a encontrei.



Figura 2. Mainô Caetano, *Ruína viva*, 2023. Madeira carcomida por cupins. 80 x 22 x 27 cm.

Pelo processo de escavação próprio aos cupins retomo o processo de carcomer das traças como agente fabricante de apagamentos, de lacunas que são preenchidas pelo espectador e suas próprias lembranças. Bachelard (1993) disserta que as lembranças das antigas moradas são imperecíveis dentro de nós, logo, como a “memória e imaginação não se deixam dissociar”, a obra sustenta as paredes e o teto das diversas casas que habitam dentro de nós.

Penso em *Ruína viva* como uma casa que foi e é habitada não apenas pela memória do nosso corpo, das casas que já vivemos, mas também, pela consciência da presença das traças e dos cupins nestes espaços, sendo uma estrutura que se remodela devido a habitação destes seres. Ela, a casa, aqui configurada por este material de descarte, contém diversos ciclos de fragmentação e re-significação, uma ruína que vive e se modifica com o passar do tempo. Assim, percebo que a obra trata de uma resistência, uma permanência apesar de sua fragilidade, o que por sua vez promove uma ideia de instabilidade. Ademais, essa condição instável da ruína diz de uma precariedade do que é interno, do que falha com as expectativas quanto ao seu modo operacional, daquilo que não dispõe da integridade prevista de uma casa ou da madeira que a compõe e por isso encontra-se menosprezada, esquecida.

Refletindo acerca do corroer como aquilo que diz de um tempo, me aproximo do trabalho *Time Divisa 291* (Figura 3) do artista mexicano Antonio Vega Macotela, realizado como parte da série de mesmo nome. Durante três anos e meio, Macotela visitou o presídio de Santa Marta Acotila, na Cidade do México, onde proporcionou aos detentos situações de intercâmbio em que o artista realizava um pedido seu, do lado de fora da unidade, em troca de um projeto artístico instruído.

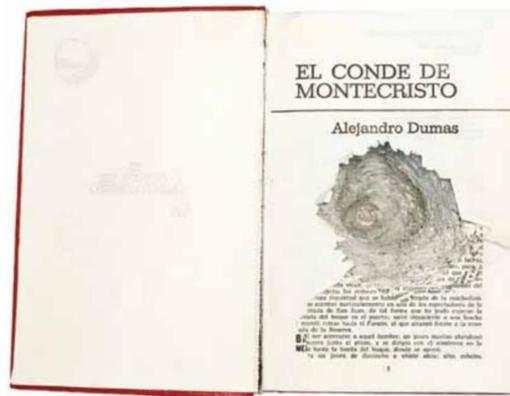


Figura 3. Antonio Vega Macotela, *Time Divisa 291*, 2009. Livro alterado.

Em *Time Divisa 291* o artista procurou pela mulher que um dos detentos havia se apaixonado quatro anos antes, em contrapartida, Macotela o orientou a utilizar seu dedo indicador para raspar desde a primeira página do livro *O Conde de Monte Cristo* de Alexandre Dumas, gerando uma escavação na estrutura do mesmo, de modo que, o procedimento repetitivo resultou no seu desgaste, aproximando ainda esta ação da própria história contada no livro. Por meio da obra o artista discute a respeito do tempo e seus intercâmbios, visto que o conjunto desses projetos demonstra outras formas de permutar tempos de vida. Posto isso, percebo a relação temporal existente em minhas produções, uma vez que lido com o tempo utilizado pelas traças e cupins para carcomer superfícies e

volumes. Ademais, observo que essa obra atenta o espectador ao gesto de exclusão do indivíduo, salientando a questão do apagamento social corporificado pelas prisões, logo, entendo a partir desse trabalho, que lacunas dizem respeito não apenas de um escavamento de uma superfície ou volume, mas também a pertinência do reconhecimento de apagamentos e as suas implicações sociais, de forma que, passo a compreender tais camadas e diálogos em minhas práticas-poéticas.

4. CONCLUSÕES

Por meio de meus trabalhos penso a corrosão como parte do procedimento de re-significação de diversos objetos, utilizando a subtração como sinalizador de uma perda, por onde desenvolvo um pensamento. Pelo processo de perfuração, produzo situações de aprofundamento em pertences e materiais permeados por nossas lembranças, discutindo situações de fragilização como forma de apagamento. Em *Arquivo* as lacunas produzidas por essa ação encontram-se presentes de maneira mais suave, enquanto que em *Ruína viva* as partes que faltam e as suas consequências estão mais explícitas, acarretando na precarização da estrutura. Porém, apesar de mal suportar seu próprio peso, a construção ainda permanece, evidenciando uma resistência em relação ao apagamento.

Por intermédio da análise da obra de Macotela, tenho a conscientização das qualidades temporais inclusas no contexto material e processual de minhas produções, bem como o caráter de questionamento social existente nelas. Assim, investigo a profundidade pela relação estabelecida entre objeto e memória, pelo processo de degradar ou remodelar.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, G. **A Poética Do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

VALLE, M. **Processo de apagamento em escultura: limites entre o Moderno e o Contemporâneo**. Oculum (PUCCAMP). , v.2, p.60 - 70, 1992., Oculum Ensaios (PUCCAMP), Vol. 2, pp.60-70, Campinas, SP, BRASIL

Catálogo da **29ª Bienal de São Paulo: Há sempre um copo de mar para um homem navegar** / curadores Agnaldo Farias, Moacir dos Anjos. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2010. Disponível em:
<https://issuu.com/bienal/docs/29a-catalogo-pt/172>